

**A POLISSEMIA DA LÍNGUA LATINA
NOS TEXTOS MEDIEVAIS E RENASCENTISTAS**

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (UERJ)
marciomoitinha@hotmail.com

RESUMO

Propomos discorrer, neste artigo, sobre a presença substancial da polissemia, em textos medievais e renascentistas, mas vale destacar que o tema de nossa pesquisa também pode estar presente nos textos das outras modalidades do latim, como o arcaico, o clássico e o cristão. Muitos latinistas ignoram, infelizmente, os outros sentidos de um vocábulo latino ou se esquecem de levar em conta que existem outras possibilidades de tradução, em virtude de um duplo ou até de um triplo sentido intencional do autor, num poema ou num texto em prosa, de modo que chamamos a atenção para este assunto relevante e pouco estudado, nos meios acadêmicos. Trata-se, portanto, de uma pesquisa inédita e que tem a sua relevância, mormente, para os interessados no estudo das letras clássicas.

Palavras-chave: Polissemia. Latim medieval. Latim renascentista. Português.

Para este artigo, escolhemos o tema inédito, acerca da polissemia, que poderemos atestar nos poemas escritos no latim medieval e renascentista.

Foram selecionados alguns fragmentos de poemas dos *Carmina Burana* do latim medieval, que retratam muito bem os valores polissêmicos de um vocábulo e que não podem ser desdenhados pelo tradutor.

Apreciemos o poema LXXXIV no qual o poeta nos informa sobre o verão que já está vigoroso; ao passo que o inverno já se encontra “sepultado”. Com a nova estação, as moitas (antes não cultivadas) e as árvores já estão verdes (configura-se, neste momento, *locus* pulcro e propício à poesia amorosa), enquanto isto, a amada está a descansar sob uma tília:

Dum prius inculta
coleret virgulta
estas iam adulta,
hieme sepulta,
vidi viridi
Phyllidem sub tília,

Enquanto o **verão já adulto**
cultivasse moitas,
antes não cultivadas,
sepultado o inverno,
vi Filis
sob uma tília³⁹ verde

³⁹ Tília, *tiliae*= árvore.

vidi Phyllidi
quevis arridentia
Invideo⁴¹, dum video. vi **quaisquer**⁴⁰ elementos da natureza,
sorrindo a Fílis.
(Eu a) cobiço, enquanto (a) vejo.

(1-9)

Podemos perceber que o poeta preza pela musicalidade, como se configura, no 5º. verso: *vidi viridi*; e no nono: *Invideo, dum video*. As rimas já, no latim medieval, estavam presentes, nos quatro primeiros versos deste poema, como também a polissemia patente nos vocábulos *estas* e *adulta*, metáforas que podem ser apreciadas, no terceiro verso: *estas iam adulta* (o verão já adulto).

Vale lembrar que o vocábulo latino *estas* também pode ser traduzido por “calor” e o adjetivo de primeira classe *adultus, -a, -um*, por “vigoroso”, “desenvolvido”, “crescido”, daí, poderíamos traduzir a passagem acima por: “o calor já vigoroso”, ao invés de “o verão já adulto”. Mas, na medida das possibilidades, preferimos fazer a tradução mais literal possível para não perdermos de vista as figuras de estilo, engendradas pelo poeta.

Apreciemos os próximos versos deste poema:

Sic capi cogit sedulus Assim, o olho, sédulo (incansável)
me laqueo virgineo caçador⁴² do coração, me forçou
cordis venator oculus, a ficar capturado (preso) no laço virginal⁴³
visa captus virgine. capturado pela virgem vista⁴⁴.

(10-13)

Refrão:

Ha, morior! Ah, morro!
sed quavis dulcedine mas a morte (é) mais doce
mors dulcior. do que qualquer doçura (encanto).
Sic amanti vivitur, Assim, para a amante se vive,

⁴⁰ **Quevis**= quaisquer (coisas). Acusativo plural neutro. Todos os animais, todas as árvores, enfim, todos os elementos da natureza gostam dela, são apaixonados por ela.

⁴¹ **Invideo**= tem dois sentidos distintos. 1. Em seu sentido etimológico significa “olhar com insistência para”, no sentido de “cobiçar”, 2. “Invejar”. Pelo contexto, decidimos acolher o seu sentido etimológico.

⁴² Em seu sentido figurado, *venator* também pode ser “investigador”, “o que está à espreita”.

⁴³ Trata-se especificamente de uma metáfora, isto é, o olhar do amante está preso, está voltado para o laço das donzelas.

⁴⁴ Também, poderíamos fazer uma tradução mais livre: “preso pela visão daquela donzela.”

dum sic amans moritur. enquanto, assim, o amante⁴⁵ morre.

(14-18)

Vejamos mais alguns versos deste belíssimo poema medieval:

<i>Fronte explicata exiit in prata, ceu Dione nata venierit legata. Videns, invidens huc spe duce rapior; ridens, residens⁵⁰ residenti blandior.⁵¹</i>	Com a frente explicada ⁴⁶ (ela) saiu para os prados (às campinas), como ⁴⁷ uma embaixatriz, nascida de Dione (ela) tenha vindo. Vendo (-a), (e) cobiçando (-a) para lá sou arrebatado ⁴⁸ pela esperança que guia ⁴⁹ (ela) estando sentada , (eu), sorrindo, acaricio a que está no descanso .
--	---

Extraímos, do poeta renascentista, Henrique Caiado, alguns poemas, que podem ilustrar ainda mais o nosso estudo, acerca da polissemia⁵².

⁴⁵ Isto é, o amante morre para si, para viver para a amada.

⁴⁶ Trata-se de metáfora: “Esclarecida, interpretada”. A frente, parte do rosto, considerada, muitas vezes, como o espelho dos sentimentos humanos.

⁴⁷ Conjunção *ceu* que introduz a comparação. Poderíamos ter traduzir assim: “como se ela tivesse vindo como embaixatriz”, mas preferimos deixar a tradução mais literal com o verbo no perfeito do subjuntivo.

⁴⁸ “Sou seduzido, sou atraído”.

⁴⁹ Guiado pela esperança.

⁵⁰ *Residens*= participio presente de *resideo*, pode significar: estar sentado (a), residir, parar, deter-se, permanecer sentado (a), estar ocioso (a), estar no ócio, no descanso. Como podemos atestar, tal verbo tem múltiplas significações semânticas.

Pelo contexto, podemos concluir que a ideia é “enquanto ela se sentava ali, tomei meu lugar, sorrindo ao lado dela, e lhe fiz carinho.

⁵¹ *Blandior* (verbo depoente e intransitivo, que pede dativo, na sua regência e pode significar “acariciar”, “afagar”. Mas, não podemos esquecer-nos de que *blandior* também pode ser o comparativo do adjetivo *blandus*, a, um= “carinhoso”, “acariciador” de modo que a tradução também poderia ser: “eu, sorrindo, sou mais carinhoso à que está no descanso”.

⁵² Vale dizer que uma das características do Epigrama é ser um jogo lúdico, sugerindo ao leitor diversas leituras e interpretações como um desafio pelo qual tudo é possível.

Jean-Paul Brisson já dizia, nas páginas 85 e 86, em seu livro *Virgile son temps et le nôtre*, que os adeptos dos alexandrinos se preocupavam com a impressão, com o detalhe e com o desenvolvimento de um tema. Também havia a preocupação do poeta epigramático com a sugestão e não com a explicação do poema. Também lembremo-nos da afirmação de Claudie Balavoine, em *Les Éclogues* D’Henrique Caiado, página 18, quando ela diz que Henrique Caiado em suas obras apresenta uma linguagem muitas vezes enigmática, porém, decodificável, como podemos perceber no epigrama no.

embora a serpente⁵⁷ perseguisse o peso do ventre.
Detenho-me, mas a piedade⁵⁸, a facúndia, o rosto 5
cândido e a face insidiosa dão fé.
Certamente, caso te mostres pela beleza, **Febo**⁵⁹, tens o favor de
Dione⁶⁰, pois a sua Chipre⁶¹ te gerou.

Destacamos os dois primeiros versos do Epigrama XXV, dedicado não só a Marcelo, mas também ao poeta épico, Virgílio, como está bem patente no sobrenome de Marcelo. Caiado outrossim nos sugere e no faz refletir sobre o ofício dos priscos vates: escrever poemas para que esses grandes nomes estejam gravados à posteridade:

AD MARCELLUM VIRGILIUM.

EPIGRAMMA XXV

*Officio vatum, merito praefecte, priorum,
quos bona posteritas vivere morte facit.*

A MARCELO VIRGÍLIO.

EPIGRAMA XXV

Ó chefe com mérito, no ofício dos antigos vates
a boa posteridade faz que esses vivam na morte.

No poema XLVII do Livro I, selecionado, a seguir, destacamos em negrito o vocábulo *silva*, visto que ele tem, no poema, um duplo sentido: “selva”, “floresta”, “bosque ou se trata de uma alusão a sua última obra poética, *Silvae*⁶², variado e amável poema, como bem o define, no

⁵⁷Uma serpente foi enviada pela cruel esposa de Zeus, Hera. A pérfida serpente perseguiu implacavelmente a amante Latona por toda a terra, quando esta ainda estava grávida de Apolo.

⁵⁸Pietas é o sentimento do dever para com os deuses, para com os pais e para com a pátria.

⁵⁹Febo é um dos epítetos de Apolo, Deus da juventude, da medicina, da poesia e da música, da lira, do arco, da flecha, dos oráculos e da profecia. É também o Deus da luz, daí o seu epíteto Foibos (o brilhante), às vezes ele é identificado pelo sol.

⁶⁰Dione é um dos epítetos de Vênus, a deusa do amor.

⁶¹Cypre, vasta ilha do mar Egeu (Mediterrâneo), consagrada a Vênus, hoje denominada Chipre.

⁶²Demos continuidade, nos estudos de pós-doutoramento, às traduções inéditas dos, até agora, intocáveis versos latinos das *Siluae* de Henrique Caiado, como fizemos em nossa pesquisa de doutorado na qual traduzimos todos os dois livros de Epigramas. Trabalho de pesquisa hercúleo e já publicado e esgotado pela Editora Prismas, intitulado *Os Epigramas de Henrique Caiado: Origens, Estudo Analítico e Tradução*. Edição Bilingue. Curitiba: 2013. O nome *Silvae* foi escolhido por tratar-se

primeiro verso:

AD LUCAM RIPAM.

EPIGRAMMA XLVII

*Percurr⁶³ i silvas variumque, & amabile carmen:
sed monstrante tua lampade noctis iter. 2
Sic quoque Thebanas liceat cognoscere pugnas
auspiciis freto, **candide Ripa**, tuis.*

A LUCAS RIPAM.

EPIGRAMMA XLVII

Percorri com os olhos **as selvas⁶⁴ e um variado e amável carne**
mas quando a tua lâmpada mostra o caminho da noite. 2
Assim também seja lícito conhecer os combates Tebanos⁶⁵
com os teus auspícios no braço de mar⁶⁶, **cândido Ripa⁶⁷**.

No segundo livro, composto por CVI Epigramas, destacamos o IV poema de Caiado, dedicado com encômios ao italiano, António Galeazzo Bentivoglio:

AD ANTONIUM GALEACEM BENTIVOLUM.

EPIGRAMMA IV

*Sis felix, Galeax, Latinae decus undique gentis:
sis felix patriae **lumen, & aura** tuae. 2
Hanc tibi silvarum miserunt laeta **salutem**
numina, Camaldi quae juga concelebrant. 4*

de temática variada da mesma forma que as “selvas” ou “florestas” possuem inúmeras espécies de árvores que se entrelaçam numa mesma floresta. Portanto, a origem do vocábulo *Silvae* tem sentido metafórico.

⁶³ Percurri= “percorrer com os olhos”, mas pode ser traduzido também por “ler” uma obra (Cf. Torri-
nha).

⁶⁴ Podemos traduzir por “florestas” ou por “matéria” (duma obra, dum poema), mas optamos por de-
ixar em latim.

⁶⁵ Do povo que habita em Tebas.

⁶⁶ Imagem poética que caracteriza a agitação das ondas no mar.

⁶⁷ **Ripa** tão cândido, tão brilhante, tão resplandecente, quanto o braço do mar, agitado pelas ondas.
Não podemos descartar o uso da hipálage patente, no adjetivo supracitado.

A ANTÓNIO GALEAZZO BENTIVOGLIO.

EPIGRAMA IV

Sejas feliz, Galeazzo, sob todos os aspectos decoro da raça latina,
sejas feliz **lume**⁶⁸ e **aura** da tua pátria. 2
Enviaram-te esta **saúde**⁶⁹ os ledos⁷⁰
numes das selvas, que celebravam os jugos de Camaldo. 4

Agora, apreciemos de Henrique Caiado o poema XCIII, que pinta um provável naufrágio de Lucas Ripa. O poeta justifica tal acontecimento, em virtude de os viajantes não terem realizado os votos aos deuses. Não podemos deixar de destacar que o sobrenome *Ripa* de Lucas também pode significar “margem” de um rio, daí costa, litoral:

AD LUCAM RIPAM.

EPIGRAMMA XCIII

*Siquis naufragium Neptuni fecit in undis,
aequoreis solvat debita vota Deis.
Hic vero Eridani jactatus vortice multo
ad ripam timido vix*⁷¹ *natat ecce pede.
Ripa, tuo gremio*⁷² *laceram complectere puppim: 5
acceptum hoc referet picta tabella tibi.*

A LUCAS **RIPA**.

EPIGRAMA XCIII

Se alguém fez um naufrágio nas ondas de Netuno,
(que) cumpra os votos devidos aos deuses marinhos.
Aqui na realidade, lançado pelo redemoinho de água,
eis que **à margem** do Eridano (ele) **apenas** nada com pé muito tímido.

⁶⁸ Isto é, lumen=“luz” e aura=“brisa” ou por extensão de sentido: “estima”, “admiração” da tua pátria.

⁶⁹ Salus, salutis também pode designar “salvação”, “ventura” (grande felicidade). Parece-nos que a melhor tradução seja “ventura”, tendo em vista que, nos versos anteriores, o poeta faz alusão ao adjetivo felix duas vezes.

⁷⁰ = As alegres divindades das florestas.

⁷¹ Vix= adv. “Com esforço, com custo, com dificuldade”. Com esforço” também, na nossa opinião, caberia bem, na tradução deste verso.

⁷² Isto é, no teu colo, no teu peito, no teu braço. Este último, em seu sentido etimológico, consoante Torrinha, pode significar aquilo que os braços podem abranger: o espaço delimitado pelos braços e o peito.

Ripa, abraça **no teu regaço** a dilacerada popa, 5
uma tabuinha⁷³ pintada trazer-te-á este crédito.

Enfim, podemos atestar que tantos os textos medievais, quanto os renascentistas não são tão fáceis. Não podemos descartar, também, numa tradução, que um vocábulo repetido, nos versos, pode ter um duplo sentido engendrado propositadamente pelo poeta.

Neste trabalho, seguimos a tradução literal do latim para o vernáculo e mais próxima da raiz latina; mas, em alguns momentos, por causa do contexto, não foi possível ser tão literal de maneira que para traduzir um poema tem de se levar em conta sobretudo o contexto de cada verso para que cada qual seja coerente e imbuído de significação do que deveras o poeta quer informar-nos.

Esperamos que o tema, acerca da polissemia na língua latina, tendo por base alguns versos medievais e renascentistas, tenha despertado interesse nos ouvintes e tenha motivado a todos para traduzirem e tecerem mais comentários linguísticos, literários e estilísticos sobre estes textos inéditos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOMIGLIANO, Arnaldo. Enrique Caiado e la falsificazione di C.I.L. II 30. *Athenaeum*, nova serie, n. 42, 1964.

ANDRADE, Maria Lúcia de Cunha Victório de Oliveira. Digressão: palavra desviante ou estratégia argumentativa? *Revista Língua e Literatura*, n. 23, p. 121-149, 1997.

ANDRÉ, Carlos Manuel Bernardo Ascenso. *Mal de ausência: o canto do exílio na lírica do humanismo português*. Coimbra: Minerva, 1992.

ANDRÉ, Carlos Manuel Bernardo Ascenso. *Nostalgia de uma pátria que lhe não era vedada*. Mal de ausência: o canto do exílio na lírica do humanismo português. Coimbra, 1992.

FARIA, Antônio Portugal de. Portugal e Itália. *Litteratos portugueses na Italia ou collecção de subsídios para se escrever a Historia Litteraria de Portugal que dispunha e ordenava Frei Fortunato Monge Cisterciense*. Leorne, Typographia de Raphael Giusti, 1905.

⁷³ Tábua na qual se escrevia o voto.

_____. *L'Humanisme Portugais et l'Europe*. Actes du XXI^e. Colloque International D'Études Humanistes. Tours, 3-13 juillet 1978. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian – Centre Culturel Portugais, 1984.

PELIZZARI, A. *Un documento degli Studio di Enrico Caiado in Italia*. Rassegna Bibliografica della Letteratura Italiana 16 (1908).

BATTAILLON, Marcel. *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*. Paris: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1952.

BENOIST, Eugène; GOELZER, Henri. *Nouveau dictionnaire latin-français*. Paris: Garnier, [s/d.].

AYMARD, André; AUBOYER, Jeannine. *Roma e seu imperio*, vol. I. São Paulo: Difel, 1974.

BAYET, Jean. *Littérature latine*. Paris: Armand Colin, 1965.

BELLESSERT, André. *Virgilio: su obra y su tiempo*. Madrid: Tecnos, 1965.

BISCETTI, Rita. *Contributo alla storia dell'umanesimo portoghese: il primo libro degli Epigrammi di Henrique Cayado*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978, sep. do Arquivo do Centro Cultural Português.

BRANDÃO, José Luís Lopes. *Marcial perante o público e os críticos: autodefesa do poeta*. Coimbra: Humanitas, vol. XLIX, 1997.

BRISSON, Jean-Paul. *Virgile son temps et le nôtre*. Paris: François Maspero, 1999.

CARDOSO, Zelia de Almeida. *A literatura latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

FARIA, Ruth Junqueira de. *Aspectos lexicais e estilísticos do bucolismo vergiliano*. Dissertação (de Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 1974.

FRÈRE, Henri. *Stace. Silves*. Paris: Les Belles Lettres, 1944.

GÉLIO, Aulo. *Noites áticas: Noctes atticae*. Tradução e notas: José Rodrigues Seabra Filho. Introdução: Bruno Fregni Bassetto. Londrina: Eduel, 2010.

GIBSON, Bruce John. Statius and insomnia: allusion and meaning in *silvae*, 5.4. *Classical Quarterly*, Great Britain, n. 46, vol. ii, 1996.

GONÇALVES, Rebêlo. As Éclogas de Henrique Caiado. In: *Filologia e Literatura*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1937.

- GRIMAL, Pierre. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.
- LEITE, Leni Ribeiro. Estácio e a poética do ócio. *Revista Eletrônica Antiguidade Clássica*, Apucarama, vol. 6, p. 70-77, 2011.
- LIMA, Ricardo Cunha. *A presença clássica na poesia neolatina do humanista português Antônio de Gouveia*. 2007. Tese (de Doutorado). USP, São Paulo.
- MARROU, Henri-Irénée. *História da educação na antiguidade*. São Paulo: MEC/Pedagógica e Universitária, 1975.
- MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à rome*. Préface de Jacques Perret. Paris: Scodel, 1981, tome II.
- MARTINS, Paulo. *Literatura latina*. 1. ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.
- MONTEIRO, Emanuel. Vita Hermici Cayado iure consulti Ulyssiponensis. *Corpus illustrium lusitanorum qui latine scripserunt*, tomo I, Lisbonne, 1745, p. 35-41.
- MONTEIRO, Luís Filipe Barata. *Carmen na língua e na literatura latinas*. Tese (de doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 1984.
- MOURA, Fernanda Messeder. *O apelo e a unidade épica na Tebaida de Estácio*. 2011. Dissertação (de Mestrado). – USP, São Paulo.
- _____. Estácio, Silvas, V, 4: introdução, tradução e notas. *Scripta Clássica On-line: Literatura, Filosofia e História na Antiguidade*, n. 2. Belo Horizonte, abril de 2006. Disponível em: <http://geocities.com/scriptaclassicaonline>.
- MUSTARD, Wilfred. *The Eclogues of Henrique Cayado*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1931.
- NASCIMENTO, Aires A. J. V. *Pina Martins em convívio com os clássicos*. Academia das Ciências de Lisboa, Classe das Letras. Comunicação apresentada à Classe das Letras na sessão de 21 de janeiro de 2010.
- PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*, II vol. – Cultura Romana. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.
- PLESSIS, LEJAY. *Oeuvres de Virgile*. Texte latin. Paris: Librairie

Hachette, [s./d.].

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *A poesia pastoril: as bucólicas de Virgílio*. 2006. Dissertação (de Mestrado). USP, São Paulo.

_____. *Epigramas de Henrique Caiado: origens, estudo analítico e tradução* (edição bilíngue). Curitiba: Prismas, 2013.

_____. *As bucólicas de Virgílio: origens, características e estilo do poeta* (As Bucólicas de Virgílio: estudo e tradução). Deutschland/Niemcy: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

ROSA, Tomás da. *As éclogas de Henrique Caiado*. Separata de Humanitas, vols. I e II da Nova Série. (Vols. V e VI da Série Contínua). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1954.

SANTOS, Zilda Andrade L. dos. Cenografia da Arcádia nas Bucólicas de Virgílio e a imagem do pastor na cena enunciativa. *Cadernos do CNLF*, vol. XVII, n. 07. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013.

SÊNECA. *Sobre a tranquilidade da alma – sobre o ócio*. Tradução, notas e apresentação de José Rodrigues Seabra Filho. Edição Bilíngue. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

SILVA, Frederico de Sousa. *Historiarum libri: estudo e tradução*. 2014. Tese (de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

TANNUS, Carlos Antonio Kalil. Um olhar sobre a literatura novilatina em Portugal. *Revista Calíope: Presença Clássica*, Rio de Janeiro: UFRJ, n. 16, dez/2007.